

A EDUCAÇÃO QUE DESEJAMOS: NOVOS DESAFIOS E COMO CHEGAR LÁ

Evandro da Cruz BASTOS¹
Maria Eugênia CASTANHO²

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007. 174p.

O Professor José Manuel Moran, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, atualmente é membro do comitê de avaliação de projetos da UAB - Universidade Aberta do Brasil do MEC, e possui publicações nos temas tecnologia da educação e educação a distância. Nessa obra que completa sua 2ª edição, propõe-se a alargar as discussões no campo das tecnologias educacionais, tendo como foco as mudanças que estas trazem à educação presencial e a distância. Para tanto, o autor procura (re)forçar o caráter educacional humanístico, atrelado à concepção de competências de Perrenoud.

Em seu primeiro capítulo, Moran procura demonstrar o quanto a educação tem mudado nos últimos tempos, constatando que a sociedade sofre um processo de transição onde se pode perceber “[...]o atraso, a burocracia e a inovação” (p.14). Partindo dessa constatação, o autor chama a atenção para o grande desafio a ser enfrentado pelas instituições educacionais em prol de sua adequação às novas demandas

da *sociedade da informação e do conhecimento* por meio da renovação de sua organização didático-curricular e na gestão, fazendo uma crítica ao ensino tradicional, aos profissionais da educação.

Por outro lado, põe em destaque a importância de se adotar currículo flexível/personalizado, a importância de bons gestores na instituição como peças fundamentais à realização das inovações, além da valorização dos aspectos afetivos, da flexibilização dos objetivos, e do ensino focado na pesquisa e no desenvolvimento de competências, tudo isso ligado às possibilidades do ensino virtual oferecido pelas tecnologias de ensino.

No capítulo seguinte, o autor propõe os eixos para uma proposta inovadora de educação atrelada a cinco princípios que são: o conhecimento integrador e inovador, o desenvolvimento de auto-estima/autoconhecimento, a formação do aluno-empREENDEDOR, a construção do aluno-cidadão, o processo flexível personalizado. Esses eixos,

¹ Graduando em Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP, Brasil. Bolsista do CNPq – Brasil. E-mail: <eb_cruz@ig.com.br>.

² Docente, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP, Brasil. E-mail: <meu@dglnet.com.br>.

segundo o próprio autor “[...] relacionam-se com os quatro pilares da educação do relatório Delors [...]” (p.69). Nesse sentido, o autor discorre sobre as diferentes formas de conhecimento e, sobretudo, o conhecimento construído por meio dos meios de comunicação. Faz a crítica ao ensino de conteúdos e chama a atenção para a importância de uma escola aberta à sociedade; aponta para uma formação de profissionais da educação voltada para as dimensões emocional, empreendedora e ética.

No terceiro capítulo, o autor foca sua atenção nos desafios a serem enfrentados pelos educadores. A princípio, traça um quadro sobre os educadores e a sua trajetória profissional, chegando a um quadro sobre o que seria um bom educador “O bom educador é um otimista, sem ser ‘ingênuo’, consegue ‘despertar’, estimular, incentivar as melhores qualidade de cada pessoa.” (p.81).

Em seguida, o autor analisa as possibilidades de ação das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Baseado em suas experiências com implantação de tecnologias em alguns cursos, Moran aponta um percurso geral que as instituições seguem: a princípio as mudanças são de caráter periférico, tendo as tecnologias como ferramenta de apoio à aprendizagem presencial e às rotinas administrativas. Na segunda etapa, as atividades desenvolvidas presencialmente expandem-se aos ambientes virtuais. E, por fim, a terceira etapa, onde ocorrem modificações inovadoras, flexibilização da organização curricular, introdução de atividades semipresenciais ou quase totalmente a distância.

O autor chama a atenção para as mudanças exigidas pela introdução das tecnologias nas atividades de avaliação, sugerindo métodos de avaliações a distância. Dá ainda exemplos de algumas ferramentas de pesquisa como o *webquet*, *Wikipedia*, bem como a utilização de *fóruns*, *chats* e *blogs* como auxiliares no processo do ensino-aprendizagem, discussão e divulgação de resultados das pesquisas desenvolvidas por alunos.

Em seu quinto capítulo, Moran apresenta as situações enfrentadas na educação brasileira na introdução das tecnologias da educação, e aponta para o atraso existente nas instituições educacionais, a resistência entre os educadores à introdução dessas tecnologias, o que, segundo ele, deriva de um certo preconceito. Discute também o processo de mudança do ensino presencial ao semipresencial e on-line, as experiências vividas na Universidade Aberta do Brasil (UAB) - da transição das aulas centradas no professor, características do ensino presencial, às teleaulas em tempo real transmitidas a diversos locais do mundo -, e os programas personalizados.

O sexto capítulo é dedicado a traçar caminhos a serem seguidos para que se chegue à “escola que desejamos”. Moran arrisca-se a descrever um prognóstico de como será a educação formal daqui a alguns anos, uma realidade não muito distante, na qual “Todos os alunos estarão conectados às redes digitais por celulares, computador portáteis, TVs digitais interativas.” (p.145) “Em poucos anos, dificilmente teremos algum curso presencial.” (p.146). Descreve também o perfil do professor dos próximos anos, definido como o *professor autor* e *autogestor*, e como serão as aulas desses professores.

Em sua conclusão, o autor reforça alguns elementos pontuais em sua obra, como a adesão ao currículo flexível, o caráter tecnológico humanístico aliado às competências: “Quanto mais avançam as tecnologias, mais a educação precisa de pessoas humanas, evoluídas, competentes, éticas” (p.167). É a partir dessa posição que o autor se posiciona no sentido de construir a “educação que desejamos”.

Podemos destacar alguns pontos relevantes de crítica a esta obra. O tema objeto da discussão do livro é alvissareiro, ou melhor, desafiador, já que se propõe a discutir a educação que desejamos, traçando esses desafios e como chegar lá, tendo como um dos meios de superação desses desafios a utilização das tecnologias e o ensino a distância. Podemos dizer que o ponto forte do livro está no que concerne à forma de utilização das tecnologias de ensino.

No entanto, em se tratando de um tema como este, o texto não poderia deixar de lado as inúmeras possibilidades de discuti-lo em uma esfera macroestrutural. Falamos aqui das questões concretas presentes no universo da educação, pois é a partir delas que, ao afirmar “a educação que desejamos”, precisamos antes dizer de qual educação estamos falando, pois em uma realidade diversa e adversa, onde público e privado dividem espaço, contextualizá-la é fundamental, antes de afirmar a educação que desejamos.

Quanto aos desafios a serem enfrentados pela educação, apresentam-se também desarticulados de um contexto que tem raízes políticas, o que leva o autor a deslocar muitos desses problemas à prática do profissional da educação, sendo ele o responsável em grande medida pela melhora do sistema educacional que se pode perceber em passagens como “uma boa escola começa com um bom gestor”(p.25) “Um bom gestor muda uma escola”(p.25), o que acaba redundando em um apelo à atitude moralista de individualização dos problemas.

Em síntese, trata-se de uma obra que tem como destaque o fato de não cair no simplismo *a priori* de conceber como nocivas as aplicações das tecnologias à educação, e traz questões bastante relevantes quanto a sua aplicação na educação semipresencial ou a distância e nas formas de avaliação. Entretanto o faz de maneira descontextualizada, pois não podemos conceber nenhuma possibilidade de mudança ou de introdução ampla das tecnologias no ensino formal, sem que estejam acompanhadas de medidas políticas que viabilizem sua introdução nos diversos níveis (do básico ao superior) ou modalidades (do público ou privado). Nesse sentido, não podemos chegar à educação que desejamos sem considerar suas determinações e sem que se modifiquem as estruturas. Ao deixar de lado essas questões, o autor ou desconsidera ou está em conformidade com as estruturas aí existentes, preocupando-se em discutir tais questões dentro da ordem vigente.

Recebido em 31/1/2008 e aceito para publicação em 2/4/2008.